



SESSÃO PARALELA 18 | LINHA 3

**O BAIRRO OPERÁRIO DA TABAQUEIRA (1962-1974) PARA
ALBARRAQUE:
O IDEÁRIO DE UMA NOVA MODERNIDADE PROMOVIDA PELA CUF**

Page | 393

Vanessa Alves^a, Teresa Marat-Mendes^b, Inês Marques^c, Mafalda Sampayo^d

^a ISCTE-IUL, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Lisboa, Portugal.

E-mail: vanessaandreaves@gmail.com

^b ISCTE-IUL, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Dinâmia'CET, Lisboa, Portugal.

E-mail: teresa.marat-mendes@iscte-iul.pt

^c Universidade Lusófona, ECATI, COW, Lisboa, Portugal.

E-mail: ines.andrade.marques@ulusofona.pt

^d ISCTE-IUL, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, ISTAR, Lisboa, Portugal.

E-mail: mafalda.sampaio@iscte-iul.pt

RESUMO

O presente artigo promove uma análise de caracterização morfológica ao bairro operário da Tabaqueira, edificado em Albarraque, no concelho de Sintra. O bairro resultou de um projeto promovido e realizado pela Companhia União Fabril (CUF), em diferentes fases de desenvolvimento. Em 1962 é construída a primeira fase e, posteriormente, entre 1972 e 1974 é concluída a sua edificação. A construção do bairro respondeu aos instrumentos legais de apoio à habitação social promovidos pelo Estado Português, aliados também às políticas paternalistas da própria CUF e nele se adota uma Arquitetura Moderna.

O programa de casas económicas das “Habitações Económicas – Federação de Caixas de Providência” (HE-FCP) assumiu uma linha de desenho e de pensamento do espaço de habitação em sintonia com as teorias do Movimento Moderno contemporâneas.

Foi autor do Projeto do Bairro da Tabaqueira, o arquiteto António Moreira Veloso (1927-2002). Este arquiteto já havia participado e contribuído para o desenvolvimento de alguns projetos de arquitetura habitacional em Portugal até 1960, nomeadamente para os Olivais Norte e Sul, do qual Moreira Veloso herdou um modo de fazer e construir cidade que valorizava a existência e a permeabilidade dos espaços verdes. Em Albarraque, Veloso viria a optar por uma disposição das bandas habitacionais num quarteirão aberto, no sentido de garantir uma desejável permeabilidade entre os espaços públicos.

A metodologia de apoio à investigação, que alicerça a presente comunicação, baseou-se na recolha documental de fontes primárias, tais como fotografias aéreas, cartografia militar e desenhos técnicos, recorrendo-se à vectorização em AutoCad, de modo a permitir uma quantificação das tipologias e a análise da morfologia dos espaços urbanos. A escolha da análise deste bairro fundamenta-se em duas circunstâncias: i) acreditamos que o bairro possui ainda hoje qualidades funcionais e estéticas que devem muito ao seu desenho urbano original, e que estas justificam o seu estudo detalhado; e ii) este é um bairro que carece de uma investigação aprofundada, dado que apenas temos conhecimento de uma investigação conduzida acerca do



projeto e da construção deste bairro, tratando-se de uma dissertação de mestrado (ALVES, 2021). Perante estes motivos consideramos pertinente o desenvolvimento de um estudo deste bairro nas suas mais variadas vertentes, no sentido de difundir o seu projeto e enaltecer as suas características morfológicas.

A preocupação de alguns industriais em dar resposta às questões de alojamento dos seus operários, despoletou em Portugal o surgimento de diversas iniciativas privadas de edificação de conjuntos habitacionais para o proletariado. Estas habitações operárias procuravam também proporcionar melhores condições de vida do que as precárias condições em que a maioria dos operários vivia.

Page | 394

A CUF surge no ano de 1898, através da iniciativa do Visconde da Junqueira, José Dias de Leite Sampaio (1804-1870). Esta companhia, fundada em 1857, mas sob a denominação de Fábrica União, foi posteriormente adquirida pela Companhia União Fabril em 1872 (NEVES, 2010). Um dos novos acionistas da CUF, Henry Burnay, seria também investidor na Companhia Aliança Fabril (CAF), companhia esta que surgiu no final de 1880, administrada por Alfredo da Silva em 1893 (NEVES, 2010). O facto de Henry Burnay lucrar com os investimentos que fazia na companhia administrada por Alfredo da Silva e de ambas as companhias, CUF e CAF, se dedicarem à mesma área de produção, levaram à sua unificação em 1898. Desta fusão, resultou a Companhia União Fabril, que passou a ser administrada por Alfredo da Silva, até à sua morte, em 1944, e chega a 1974 pela mão dos seus descendentes, a terceira geração do industrial (NEVES, 2010).

Em 1907 Alfredo da Silva comprou os terrenos no Barreiro onde desenvolveria a sua indústria e criaria uma microcidade industrial. Mais tarde, em 1927, funda A Tabaqueira, tendo esta sido localizada no Poço do Bispo. Em 1959, dá-se início à construção de uma nova unidade fabril em Albarraque, pertencendo ao concelho de Sintra.

Para o estudo do novo bairro operário da CUF, localizado em Albarraque, foi necessário localizar e analisar os desenhos do processo do Projeto do bairro, assim como as peças escritas que acompanhavam o mesmo. A primeira fase da investigação decorreu entre 2020 e 2021 e centrou-se na localização do processo do projeto, nomeadamente no Arquivo Histórico CUF-Alfredo da Silva. Contudo, não foi identificado nesse arquivo qualquer informação relativa à construção do bairro da Tabaqueira em Albarraque. Dando continuidade à nossa pesquisa, a informação sobre o bairro a que nos propusemos estudar foi identificada nos arquivos da Câmara Municipal de Sintra. Foram aí localizados dois planos urbanos propostos para o bairro da Tabaqueira, datados de 1960 e 1962.

O plano urbano de 1960 (Figura 1) é formalmente diferente do plano construído posteriormente, com data de 1962 (primeira fase de construção do bairro) e subsequentemente do plano de 1972 (segunda fase de construção do bairro). No plano de 1960 o bairro operário encontra-se situado a Norte da fábrica, com implantação idêntica na cota mais baixa (a que tem o declive mais acentuado) e na cota mais alta. A implementação dos volumes das habitações é paralela à implantação da fábrica. Este plano apresenta oito blocos habitacionais, implantados em cotas distintas, acompanhando a encosta Norte. A meia encosta, foi projetado um espaço de permanência (possivelmente uma praça) que apresenta três lados construídos, um bloco habitacional a Sul, um outro bloco habitacional a Norte, e eventualmente um equipamento a Nascente (a implantação deste edifício não está indicada no desenho).

Palavras-chave: *Bairro Operário; Tabaqueira; Industrialização; Desenho Urbano.*

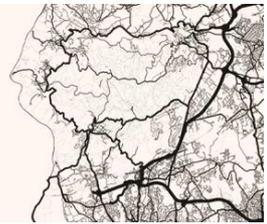


Figura 1: Plano de conjunto do bairro da Taboqueira conforme planeado nos anos de 1960 (a), 1962 (b), 1968 (c) e 1974 (d)

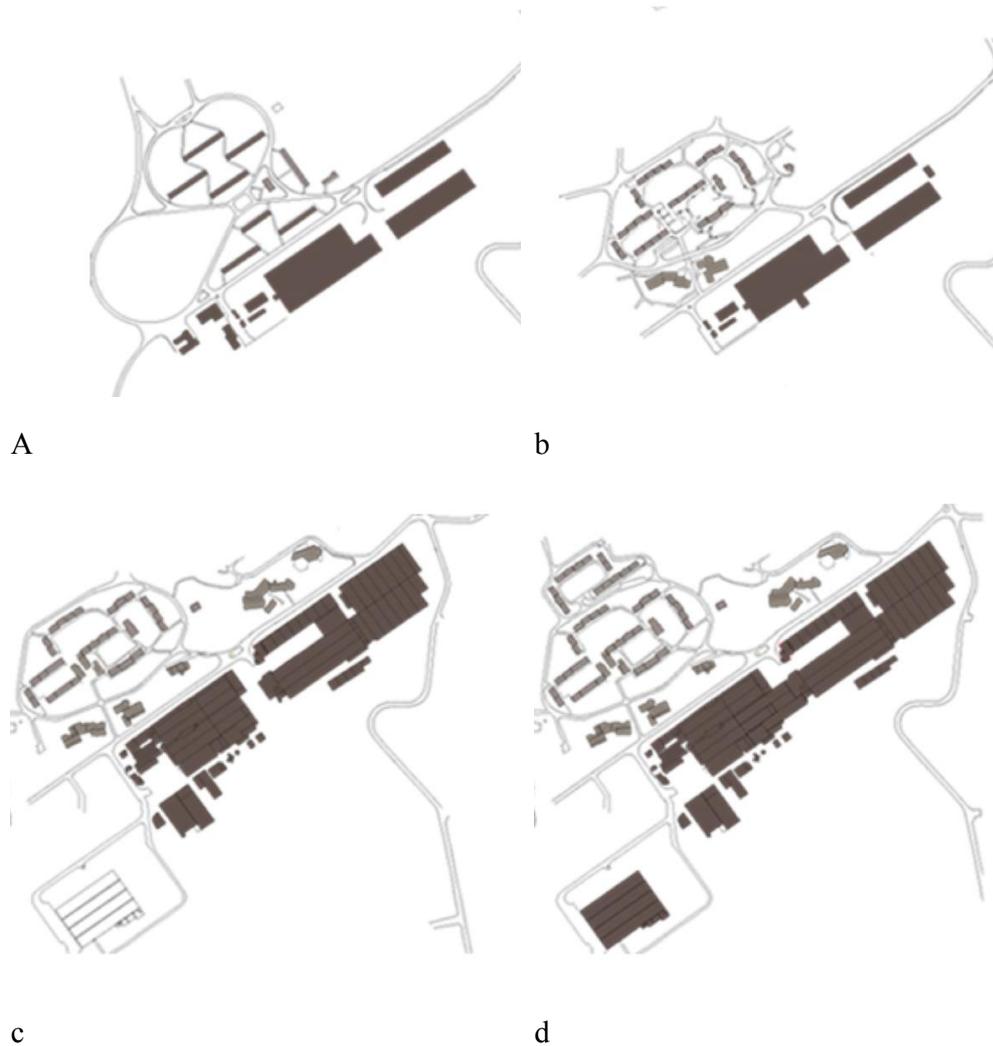


Figura 1: Plano de conjunto do bairro da Taboqueira conforme planeado nos anos de 1960 (a), 1962 (b), 1968 (c) e 1974 (d)

Todavia, não é possível concluir por que razão o plano de 1960 não é construído, assim como não é possível identificar-se a autoria deste plano. O plano de 1962, construído e desenvolvido até 1975, apresenta uma área de implantação para os blocos habitacionais superior à área indicada no plano de 1960, apesar de ambos os planos apresentarem uma baixa densidade de ocupação.



	Edifícios	Ano de Construção	Projetista/Arquiteto	
HABITAÇÃO 1ª fase	9 Bandas Habitacionais (60 habitações – Piso térreo)	1962 – 1964	Arq. António Moreira Veloso	
	9 Bandas Habitacionais (240 habitações – 4 pisos)	1962 – 1964		
HABITAÇÃO 2ª fase	4 Bandas Habitacionais (112 habitações – Piso térreo)	1968 – 1975(?)		
	4 Bandas Habitacionais (28 habitações – 4 pisos)	1968 – 1975(?)		
	Casa dos Solteiros	1962 – 1964		
	Casa do Diretor	1962 – 1964		(?)
	Refeitório	1962 -1965		Centro de Projectos CUF
	Posto Médico	1967 - 1967		Arq. António Moreira Veloso (?)
	Jardim-Escola	1962 - 1965		Arq. António Moreira Veloso (?)
	Igreja	1964 - 1965		Arq. Jorge Viana
	Centro Cultural	1965 - 1969	Centro de Projectos CUF	

Quadro 1: Descrição do plano de urbanização do bairro operário da tabaqueira

O bairro da Tabaqueira é planeado obedecendo a conceitos de hierarquização e de zonamento defendidos pelo Movimento Moderno, privilegiando uma evidente separação entre as zonas destinadas ao trabalho, à habitação e ao lazer. Esta delimitação de áreas é acentuada pela única ligação rodoviária projetada, e que isola o complexo industrial, o bairro e as localidades envolventes.

A hierarquização de vias em conformidade com o programa de serviços e de lazer, contribuiu para uma estruturação do desenho urbano. Desde modo, os percursos desenhados no plano de urbanização do bairro operário da Tabaqueira podem categorizar-se em três tipos de ligações: i) Caminho geral, nomeadamente o da rede rodoviária, que faz a ligação do complexo à Estrada Nacional, o qual se estende e delimita o anel que acolhe o núcleo residencial; ii) Caminhos funcionais, que fazem a ligação entre os pontos de interesse do bairro, os quais se destinam principalmente à circulação pedonal, mas nos quais também é viável a circulação controlada de automóveis; e iii) Caminhos contemplativos, que se destinam em exclusivo ao uso pedonal e que desvendam os espaços públicos ajardinados, coabitando com a natureza.

A categorização dos percursos permitiu ainda a ordenação e delimitação dos subnúcleos criados com intuito de albergarem edifícios de carácter público, distribuindo-os entre equipamentos de serviços e equipamentos culturais.

O desenho do núcleo da área residencial, envolvendo parte dos equipamentos públicos, resulta da disposição dos blocos habitacionais e dos seus espaços públicos. A organização dos blocos habitacionais gerou um conjunto de vazios que sugerem formas regulares. Estes vazios viriam a ser desenhados, em 1968, no Plano de Enquadramento Paisagístico do Bairro da Tabaqueira, pelo arquiteto Paisagista Gonçalo Ribeiro Telles (1922-2020). Pode-se concluir que este plano previa que cada bloco habitacional tivesse o seu próprio espaço verde, proporcionando um diálogo entre o edificado e a paisagem, que viria a ser estruturante para o sucesso do bairro operário.



O arquiteto paisagista defendia as qualidades do Urbanismo Moderno, argumentando que os espaços públicos deveriam ser amplos e terem a capacidade de qualificar o sítio. Refletindo a sua ideologia, Ribeiro Teles, hierarquizou os percursos e os espaços contíguos aos mesmos, desenhando um plano de conjunto urbano hierarquizado e com zonas delimitadas de serviço e de equipamentos culturais.

Desde modo, levantam-se as seguintes questões: terá o Projeto de Enquadramento Paisagístico sido realizado paralelamente ao Plano de Urbanização do Bairro Operário da Tabaqueira? Terão os arquitetos Ribeiro Telles e Moreira Veloso trabalhado em conjunto, em algum momento neste processo? Acreditamos que sim. Embora tenhamos conseguido confirmar a autoria do projeto paisagístico, não conseguimos localizar os desenhos do plano de Ribeiro Telles, em tempo útil, no Arquivo do Forte de Sacavém. Os planos paisagísticos da habitação da primeira e segunda fase são distintos. Se o da primeira fase tem nitidamente o cunho de Ribeiro Telles, o plano da segunda fase é bem diferente.

Page | 397

Neste sentido, questionámo-nos se terá sido o arquiteto Moreira Veloso a desenhar os espaços verdes do plano de 1972-1974? Os espaços públicos do plano geral são representativos de dois momentos históricos, os da primeira fase têm similaridades com o Plano da Nova Oeiras nomeadamente na organicidade dos percursos, enquanto os espaços públicos da segunda fase são mais rígidos. Os espaços públicos da segunda unidade residencial fazem-se em volta de um grande vazio, que está estruturado em duas cotas distintas, sendo a mais alta um parque de estacionamento e a mais baixa um espaço verde com arborização semelhante à do plano da primeira fase.

No ano de 1964, foram inauguradas 240 habitações no Bairro da Tabaqueira. No entanto, algumas já haviam sido ocupadas pelos funcionários da fábrica, em 1963. As habitações dividiam-se por 30 blocos residenciais que estavam inseridos em 9 bandas. Os blocos foram projetados com 2 apartamentos por piso, totalizando uma altura máxima de 4 pisos por edifício. Os apartamentos só poderiam ser arrendados por funcionários que tivessem família, conforme as normas definidas pelo Estado, visto que estas habitações pertenciam às HE-FCP.

Há ainda que distinguir outros dois tipos de habitação projetados para o Bairro da Tabaqueira: o bloco habitacional para funcionários solteiros, e a casa do diretor. Ambos foram projetados em conformidade com o restante plano de urbanização. O primeiro tipo pretendeu dar resposta à falta de habitação para os operários solteiros, não contemplados nas HE. Esta tipologia foi edificada no núcleo habitacional e era denominada por “casa dos solteiros”, detinha apenas dois pisos e oferecia a hipótese aos seus trabalhadores de alugarem um cómodo para poderem usufruir da vida do bairro. A casa dos solteiros ocupava uma posição de destaque, face à área residencial planeada para operários e quadros médios. Por sua vez, a casa do diretor, encontrava-se no anel exterior à grande avenida, esta era uma moradia isolada envolta do seu próprio espaço ajardinado.

Respeitando o planeamento da cidade moderna onde o espaço de trabalho e o espaço da vida privada deviam estar distanciados, foram projetados para o anel exterior à via de circulação rodoviária um conjunto de equipamentos públicos de apoio ao quotidiano profissional dos operários, mas também de carácter recreativo. Todavia, este conjunto repartia-se em dois núcleos, por ser atravessado por um eixo que fazia o acesso da Av. Alfredo da Silva à via que circunscrevia a zona habitacional.

No núcleo a Oeste da Av. Alfredo da Silva foram projetados os equipamentos públicos, que eram benéficos tanto para o quotidiano do operário como para a empresa. Numa área comum aos dois núcleos foram edificados equipamentos como a creche, o refeitório e o posto médico. Os dois primeiros eram servidos por uma rua, que fazia a ligação entre o bairro e a entrada do complexo fabril. Estes equipamentos foram inaugurados em 1966, em conjunto com os equipamentos comerciais (do centro dos blocos habitacionais), embora já se encontrassem em funcionamento. Segundo o relatório anual de 1965 da Tabaqueira “(...) ficaram concluídos os edifícios do Infantário e Jardim Infantil, do Centro Comercial e do Posto Médico (...)” (CÂMARA, 1995, p. 134). Todavia, o momento solene de inauguração só se dá, em maio de 1967, com a visita do



Presidente da República, Américo Tomás e de outros membros do Conselho, ao Bairro da Tabaqueira.

A Este da Av. Alfredo da Silva, mas em cotas semelhantes à do bairro, desenhar-se-ia a zona de cultura e lazer. Para este núcleo foram projetados a igreja e o centro cultural. A igreja foi inaugurada primeiramente, em dezembro de 1965, e com esta seria projetado um acesso direto à Av. Alfredo da Silva. Por sua vez, o centro cultural só se encontraria em pleno funcionamento em 1970. No relatório anual de 1968 é apresentada, pela primeira vez, a hipótese de expansão do bairro, dado o aumento de produção que requereria mais mão-de-obra (CÂMARA, 1995).

Page | 398

O Bairro Novo construído entre 1968 e 1975 situar-se-ia a Norte da área residencial edificada na primeira fase e respeitou a mesma lógica de disposição das bandas habitacionais. Os blocos habitacionais, agruparam-se em 4 bandas residenciais, que entre si formaram um vazio regular, que estenderia o espaço público de cada bloco habitacional para o exterior do prédio. Dada a regularidade do terreno, este espaço público funcionaria como praça ajardinada. O traçado exterior das bandas habitacionais mantém-se idêntico, permitindo uma uniformidade de linguagem entre os edifícios projetados nos anos 60 e os projetados nos anos 70. Tal como nos blocos habitacionais da primeira fase, mantêm-se os 4 pisos de altura, numa lógica de 2 apartamentos por piso. Para o Bairro Novo foram projetadas 4 bandas habitacionais, o que significava 120 novos apartamentos que pertenciam às HE-FCP.

Simultaneamente ao desenvolvimento habitacional, a zona laboral também aumentou as suas dimensões em 1970. Foram projetados novos armazéns perante os resultados positivos da produção fabril. Com a edificação destas novas estruturas os limites iniciais do complexo industrial de A Tabaqueira aumentaram.

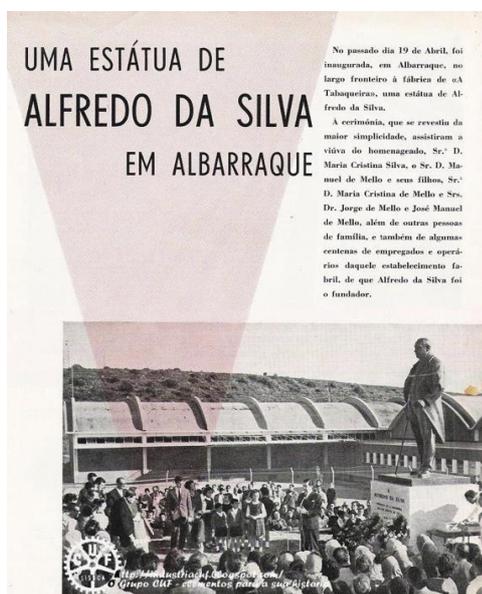


Figura 2: Inauguração da estátua de Alfredo da Silva, em Albarraque

Em 1965, durante as comemorações do centenário da CUF, inaugura-se o monumento a Alfredo da Silva. A obra segue o habitual reportório formal da estatuária, designadamente a representação do homenageado elevado sobre um plinto com inscrições. É particularmente significativo que o seu autor seja o estatuário mais conceituado do Estado Novo, o escultor Leopoldo de Almeida. A estátua implanta-se de frente para a principal via de acesso ao bairro, entre a zona fabril e residencial, reforçando uma ideia de figura tutelar e protetora deste conjunto urbano e dos seus funcionários.

A indústria organizou e desenhou o território. Se nos primeiros tempos a indústria existiu em áreas rurais, posteriormente localizou-se na cidade, nomeadamente junto das principais linhas de



água e numa terceira etapa dando preferência à ocupação de zonas periféricas à cidade. Foi precisamente desta maneira, que a fábrica da Tabaqueira também estruturou o território de Xabregas, numa primeira fase, e posteriormente o de Albarraque, colonizando as áreas adjacentes à mesma. Neste processo de implantação do complexo industrial da Tabaqueira em Albarraque esta investigação permitiu determinar a capacidade da indústria em criar e transformar os ambientes próximos e distantes, vinculando amplas extensões territoriais.

Com o projeto apresentado destacamos também os arquitetos modernistas, que se dedicaram a projetar uma arquitetura indiferenciada da classe social a quem se destina. Neste espírito de construir e desenhar para pobres e ricos da mesma maneira perspetiva-se o valor do plano urbanístico e a procura por uma paisagem imaginada, onde a Natureza imperará. Por tudo o que se disse, consideramos o projeto residencial da Tabaqueira de uma obra cheia de ensinamentos materializados numa consistente arquitetura e num plano urbano inovador.

Page | 399

Este conjunto suburbano nitidamente moderno conjuga as necessidades funcionais com a qualidade de vida do campo, por via da construção de equipamento e de amplos espaços verdes onde se habitava em blocos, respeitando as questões de higiene.

Numa investigação futura sobre o bairro operário da Tabaqueira pretendemos quantificar a qualidade dos projetos de habitação na perspetiva dos seus residentes. A importância da avaliação funcional e comportamental da pós-ocupação é indiscutível. O respeito pelo projeto do arquiteto muito dirá sobre a satisfação dos seus habitantes. Descrevemos aqui os aspetos formais e funcionais do projeto, conscientes da necessidade de uma análise futura às habitações e às as relações dos efeitos das características estéticas, funcionais e técnicas (as características físico-espaciais) em virtude do uso e das transformações realizadas pelos seus moradores ao longo dos tempos.

Agradecimentos

Esta investigação foi financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) através do projeto UIDB/04466/2020 e UIDP/04466/2020 do ISTAR-IUL.

REFERÊNCIAS

Alves, V. (2021) “O Bairro Operário da Tabaqueira em Sintra (1958-2021): Indústria, urbanismo e arquitetura”, Dissertação de mestrado integrado em Arquitetura, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/24790>

Câmara, J. S. (1995) História da Tabaqueira (Bertrand Editores, Lisboa).

Neves, P. (2010) “Gerir o crescimento empresarial - A evolução da estrutura organizativa da CUF”, em Actas do colóquio internacional Industrialização em Portugal no século XX: o caso do Barreiro (EDIUAL, Lisboa) 37-57.

11ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL | SET 2023 |
ISCTE - SINTRA- PORTUGAL

RENUM

REDE LUSÓFONA DE
MORFOLOGIA URBANA

**MORFOLOGIA
URBANA**

PLANEAMENTO
RECUPERAÇÃO E RESILIÊNCIA

**FICHA TÉCNICA****TÍTULO**

PNUM | Morfologia Urbana: Planeamento, Recuperação e Resiliência – Atas de Resumos.

Page | 2

AUTOR

Teresa Marat-Mendes

CO-AUTOR(ES)

Sara Silva Lopes

Rui del Pino Fernandes

João Cunha Borges

Inês Isidoro

ISBN

978-989-781-813-4

SUPORTE

Eletrónico

FORMATO

PDF / PDF/A

DATA

Setembro 2023

COORDENAÇÃO GERALTeresa Marat-Mendes¹**COMISSÃO ORGANIZADORA**Teresa Marat-Mendes¹João Cunha Borges¹Sara Silva Lopes¹Rui del Pino Fernandes¹Patrícia Bento d'Almeida¹Inês Isidoro¹**DESIGN GRÁFICO**Sara Silva Lopes¹¹ Iscte, Instituto Universitário de Lisboa | DINÂMIA'CET



COMISSÃO CIENTÍFICA

Allesia Allegri ²	Humberto Yamaki ¹⁶	Paulo Tormenta Pinto ¹	Page 3
Alexandra Paio ¹	Inês Isidoro ¹	Pedro George ²	
Alexandra Saraiva ¹	Isabel Martins ¹⁷	Pedro Pinto ¹	
Ana Cláudia Duarte	Isabel González ¹⁸	Renato Leão Rego ²⁴	
Cardoso ³	João Pedro Costa ²	Renato Saboya ²⁵	
Ana Pereira-Rodgers ⁴	Jorge Alves Correia ¹⁹	Ricardo Agarez ¹	
Ana Tostões ⁵	José Luís Saldanha ²	Rita Ochoa ²⁶	
Andreia Fonseca Rego ⁶	José Nuno Beirão ²	Rosália Guerreiro ¹	
Cláudia Monteiro ⁷	Karin Meneguetti ²⁰	Sara Eloy ²²	
Cristina Cavaco ²	Ligia Nunes ²¹	Sérgio Padrão Fernandes ²	
David Leite Viana ⁸	Mafalda Teixeira	Sofia Morgado ²	
Denise de Alcântara ⁹	Sampayo ²²	Soraya Genin ²²	
Eneida Souza Mendonça ¹⁰	Maria Villefort Teixeira ²³	Stael Pereira Costa ²³	
Eugénio Queiroga ¹¹	Maria Teresa Madeira ¹	Teresa Valsassina Heitor ²⁷	
Fabiano Lemes ¹²	Mariana Correia ⁸	Teresa Marat-Mendes ¹	
Filipa Serpa ²	Mário Gonçalves	Tiago Castela ¹⁵	
Frederico Holanda ¹³	Fernandes ²⁴	Vera Regina Tângari ²⁸	
Gisela Lameira ¹⁴	Michel Toussaint ²	Vicente del Rio	
Gonçalo Canto Moniz ¹⁵	Patrícia Bento D'Almeida ¹	Vítor Oliveira ⁷	
	Paula André ¹	Xosé Lois Martínéz Suarez ³⁰	

¹ Iscte, Instituto Universitário de Lisboa | DINÂMIA'CET

² Faculdade Arquitetura Universidade de Lisboa

³ UFPA

⁴ Univerity of Delft

⁵ IST | Universidade de Lisboa

⁶ PROARQ/MPPP-FAUFRJ

⁷ CITTA/FEUP

⁸ UPT/Universidade Portucalense

⁹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

¹⁰ Universidade Federal do Espírito Santo

¹¹ Universidade de São Paulo

¹² Politécnico di Milano

¹³ Universidade de Brasília

¹⁴ Faculdade Arquitetura

Universidade do Porto

¹⁵ Universidade de Coimbra

¹⁶ Universidade Estadual de

Londrina

¹⁷ Universidade Agostinho

Neto Angola

¹⁸ Universidad Politécnica de Madrid

¹⁹ Universidade do Minho

²⁰ PPU-UEM/UEL

²¹ Faculdade de Arquitetura da

Universidade do Porto |

CEAU

²² Iscte, Instituto Universitário de Lisboa, ISTAR

²³ Universidade de Minas Gerais

²⁴ Faculdade Letras Universidade do Porto

²⁴ PPU-UEM/UEL

²⁵ Universidade Federal de Santa Catarina

²⁶ Universidade da Beira Interior

²⁷ Universidade de Lisboa| IST

²⁸ Universidade Federal do Rio de Janeiro

²⁹ City and Regional Planning Department, Cal Poly

³⁰ Univesidade de A Coruña

* Os direitos das imagens e dos textos apresentadas neste livro de actas são da responsabilidade dos autores dos respectivos textos.



PROGRAMA COMPLETO

13 DE SETEMBRO

Page | 9

9.00/9.30	Recepção e registo ^a
9.30/10.30	<p>Abertura da conferência ^b</p> <p>Chair da Conferência Internacional PNUM 2023, Professora Doutora Teresa Marat-Mendes Presidente do PNUM, Professor Doutor Vítor Oliveira Director da Escola de Tecnologia Aplicadas Iscte-Sintra, Professor Doutor Ricardo Paes Mamede Director do DINÂMIA'CET, Professor Doutor Paulo Tormenta Pinto Ex.mo Sr. Vice-Reitor do ISCTE, Professor Doutor Bernardo Pizarro Miranda, em representação da Ex.ma Sra. Reitora do ISCTE, Professora Doutora Maria de Lurdes Rodrigues Ex.mo Sr. Vice-Presidente da Câmara Municipal de Sintra, Dr. Bruno Parreira, em representação do Ex.mo Sr. Presidente da Câmara Municipal de Sintra, Dr. Basílio Horta</p>
10.30/11.00	Coffee-break ^c
11.00/13.00	<p>Sessão paralela 1^c Linha 1</p> <p>Interações entre os espaços urbanos e rurais em cidades pequenas: Um estudo da forma e dinâmicas. Andreia Saugo e Andrea Queiroz da Silva Fonseca Rego*.</p> <p>O conceito de infraestrutura verde-azul como contribuição para a resiliência urbana de Teresina. Amanda Lages de Lima e Prof^a. Dr^a. Maria de Assunção Franco.</p> <p>Correlação entre a configuração da malha viária e os espaços livres de carácter social e ambiental: Uma análise em Palmas – Tocantins, Brasil. Luana Pereira e Lucimara Oliveira.</p> <p>Cidade x mudanças climáticas: Um estudo de caso da cidade de Antonina, Estado do Paraná, Brasil. Raquel Guidolin de Paula, Márcia Ferreira Prestes e Stella Maris da Cruz Bezerra.</p> <p>Análise de formações urbanas como ferramenta de reparação socioambiental: Contribuições do contexto Amazônico. Ana Cláudia Cardoso.</p> <p>O subúrbio-jardim e a tradição do pitoresco planeado. Uma perspectiva comparativa: Sobre diversidade morfológica em Londres, Lisboa e Porto. João Cunha Borges, Teresa Marat-Mendes e Ivor Samuels.</p> <p>Sessão paralela 2^c Linha 3</p> <p>O bairro da Malagueira passado e presente: Um retrato metabólico. Diana Rodrigues, Vitória Sousa e Teresa Marat-Mendes.</p> <p>Pensar a forma urbana a partir das preferências residenciais de pessoas com 60 anos ou mais: Um estudo em Florianópolis / Br. Vanessa Casarin, Camila Bez Batti e Fernanda Demarco.</p> <p>Construção de uma metrópole segregada. Proposta de medição e representação na Área Metropolitana de Concepción: Tipologias dos ambientes urbanos segregados. Daniela Gutiérrez, Ricardo Trufello e Margarita Greene Zúñiga.</p> <p>A forma do vazio: Repensar o potencial dos Terrain Vague para a criação de espaços públicos alternativos. Lorenzo Stefano Iannizzott* e Alexandra Paio.</p> <p>O potencial das faixas de hiato urbano para o planeamento de cidades sustentáveis. Karin Meneguetti, Gislaine Beloto e Renato Rego.</p>



Institutos sem muros: Método participativo para elaboração de projetos de arquitetura da paisagem em institutos federais baseado nos territórios educativos.

Bruno Freitas e Danielly Aliprandi.

Sessão paralela 3^b | Linha 3

As percepções sociais locais do ambiente construído para o envelhecimento humano.

Andréa Pfützenteuter*.

O potencial da indústria alimentar para a transformação urbana sustentável: O caso das cervejarias artesanais em Lisboa.

Inês de Azevedo Isidoro e Teresa Marat-Mendes.

Adaptação climática em assentamentos precários: Proposta para o bairro São José, João Pessoa, Paraíba (Brasil).

Renato Araújo, Marcelle Moraes, Letícia Perez, Kainara dos Anjos.

O resgate da urbanidade: Uma segunda transformação da forma física no entorno de grandes projetos urbanos em Curitiba.

Bruno Zaitter.

Desenho urbano como estratégia bioclimática para Amazônia equatorial: Um estudo comparativo entre dois planos diretores da cidade de Macapá, Amapá, Brasil.

Raysa Spindola, Anneli Celis, Patricia Drachc, Ana Karina Rodrigues e Danilo de Barros.

Habitat de qualidade social: Reflexões e diretivas subsidiadas para a equanimidade socioespacial nas cidades brasileiras.

Mário Márcio Santos Queiroz e Maria de Lourdes Pinto Machado Costa.

Sessão paralela 4^c | Linha 4

Forma urbana na escala do bairro: Questões morfológicas em Itapuã (Vila Velha, Brasil).

Matheus Nogueira, Flavia Botechia e Martha Campos.

Tipologia da edificação litorânea: Análise tipo-morfológica da Praia do Morro.

Rafael Fabres e Flavia Botechia.

Projetos urbanos desenvolvidos pela iniciativa privada: Modelos urbanísticos e seus impactos em cidades de pequeno e médio porte no Brasil.

Ana Campos, Maria Paiva e João Betelli.

A morfologia urbana de Tiradentes/MG.

Staël de Alvarenga Costa, Maria Villefort Teixeira, Gisela Barcellos de Souza, Maria Gimmler Netto, Marina Salgado.

Uma lógica entre caminho e sítio original de ocupação: Conjugação entre rua principal e praça em Vila Velha-ES.

Fernanda Fernandes e Eneida Mendonça*.

Cidade nova, práticas progressas: Forma urbana e aspectos legais do acesso à terra nas primeiras décadas de belo horizonte.

Letícia Faria e Gisela Souza.

13.00/14.30

Almoço^c

14.30/15.30

Keynote speaker 1 – Vitor Oliveira^b

15.30/17.30

Sessão paralela 5^c | Linha 4

“Ordenar a Desordem”, à distância de um click: Uma abordagem sobre a Inteligência Artificial urbana (IAU) na cidade de Lisboa por via do Património e da Memória.

Ana Nevado.

A matemática das cidades: Desafios e perspectivas para a forma urbana na era digital.

Rogério Cardeman e Bruno Mendonca.

As interfaces digitais e a forma da cidade: Uma leitura virtual das transformações urbanas entre os séculos XX e XXI no Largo de Nazaré em Belém/PA no Brasil.

Talita Araujo e Naylor Vilas Boas.

Revisitando o conceito de Região Morfológica: Um método para a classificação da forma urbana.

Mariana Diniz* e Miguel Serra.

Um lote, o cais: Morfogênese do parcelamento do cais das artes.

Flávia Botechia e Antônio Lucas Uliana.



Sessão paralela 6^c | Linha 4

Reestruturação Territorial no Vale do Paraopeba: A Variante Paraopeba sob a perspectiva da Escola italiana de Morfologia Urbana.

Mateus Maia e Gisela de Souza.

A análise morfotipológica como instrumento para o planeamento: Ensaio metodológico em anchieta (ES).

Beatriz Mourão Barcelos* e Renata Hermann de Almeida.

O uso da fotografia como ferramenta para o redesenho do estudo da forma urbana da área central de guarapari – ES/Brasil.

Manoela Monjardim e Eneida Mendonça.

Direito à cidade: os reflexos da invisibilização censitária sobre a forma urbana na cidade de Vitória-ES.

Andre Santos e Isabella Santos.

A participação do edifício singular na modernização das cidades brasileiras no final do século XIX: Reflexões a partir do Largo da Conceição, Vitória, ES, Brasil.

Michela Pegoretti e Eneida Mendonça.

Sessão paralela 7^b | Linha 4

Investigação, tradição e inovação em arquitetura: O plano de salvaguarda do núcleo antigo de sacavém. Da metodologia à realidade.

Patrícia Bento d'Almeida, João Borges* e Teresa Marat-Mendes.

Atributos morfológicos do tecido urbano: Um estudo das centralidades em cidades catarinenses.

Karol Diego Carminatti e Almir Francisco Reis.

A Resiliência da Avenida Nove de Julho e o Retrofit do Hotel Cambridge., São Paulo Brasil.

Prof.^a Dr.^a Denise Antonucci e Otávio Martins de Freitas.

Habitação informal e espaço público: O caso da brandoa.

Maria Manuela da Fonte, Filipa Serpa, Ariana Marques e João Rafael Santos.

Infraestrutura de transportes na conformação da forma urbana da Praça da Sé em São Paulo.

Gabriel Carvalho.

Sessão paralela 8^c | Linha 5**

Os rios na paisagem e na vida: Por uma paisagem urbana infraestrutural, afetiva e simbólica.

Juliana Valentim Harayashiki, Silvia Mikami Pina e Evandro Ziggiatti.

Ruído de tráfego: Caracterização da poluição sonora em vias de João Pessoa, Paraíba (Brasil).

Renato Araújo, Lívia Pereira e Juliana Moraes.

Estudo da paisagem no município de Paranaguá-PR: Conexões e barreiras entre a cidade e o rio Itiberê.

Anderson Proença e Thays Lopes.

Forma urbana, habitação e saúde: Os assentamentos irregulares e as problemáticas da saúde pública em Passo Fundo, RS – Brasil.

Alana Urio, Dirceu Piccinato Junior e Grace Tibério Cardoso.

Formas urbanas e tensão regional: A Influência da Integração Global nas Cidades.

Izabele Colusso, Amanda Florentino, Cibele Kunzler, Eduarda Michelin, Janquiel Florencio e Júlia Dalpiás.

17.30/18.30

Coffee-break^c



14 DE SETEMBRO

9.00/9.30

Recepção e registo ^a

09.30/11.00

Sessão paralela 9^c | Linha 4

Densidade urbana e desenvolvimento orientado ao transporte: Estudo de caso de da Região Metropolitana de Curitiba no século XXI.

Anderson Proença.

A morfogênese do traçado urbano: Fundação e evolução do triângulo central de Juiz de Fora/MG.

Kelly Almeida e Flávia Botechia.

Matriz de indicadores para caracterização de espaços urbanos: Abordagens Morfológica, Funcional, Ambiental e Social. Praça de São Paulo e Miradouro de Santa Catarina (2019-2023).

Ana Cravinho* e Teresa Madeira da Silva.

A sintaxe de cidades brasileiras: forma e configuração em municípios até 100.000 habitantes.

Valério de Medeiros e Maírla Baia.

Sessão paralela 10^c | Linha 4

Análise morfológica da dispersão da mancha urbana: Estudo em pequenas e médias cidades do interior do Estado de São Paulo, BR.

Almeida Filho, João Jaime de C. e Jonathas M. P. Silva.

Planear: Uma ferramenta de análise para auxílio ao planeamento das cidades do Sul Global.

Silvia Spolaora* e Vítor Oliveira.

O lugar do equipamento coletivo na estrutura urbana e social:

As igrejas e coletividades nos bairros da Encarnação e Caselas, em Lisboa.

Maria Amélia Cabrita e Teresa Marat-Mendes.

A constituição socioespacial de Curitiba: Morfologia urbana e territórios afrobrasileiros.

Murad Jorge Mussi Vaz e Ana Sophia Daufenbach Pryplotsky.

Sessão paralela 11^b | Linha 4

As três linhas paralelas da marginal de Leça da Palmeira: Sessenta e sete anos de planeamento, recuperação e resiliência.

Eduardo Fernandes.

Indignidade urbana.

Ana Paula Lyra e Nayra Carolina Rocha.

Análise sintática da rede de cidades na Amazônia Oriental Brasileira no início do século XX: Padrões de centralidade na rede de cidades da estrada de ferro Belém-Bragança.

Alberto Lima e José Júlio Lima.

Medidas de segregação socioespacial por zonas e por segmentos de rua: Uma comparação em cidade de porte médio.

Gabriel da Rocha*, Otávio Peres e Renato Saboya.

Sessão paralela 12^c | Linha 6

Do discurso à gaveta: Uma análise do plano local de habitação de interesse social de Campos dos Goytacazes.

Ana Paula Lopes Pessanha e Antonio Leandro Crespo de Godoy.

Parcelas, política e economia: O processo de transformação das centralidades suburbanas em Praga, República Checa.

Greta Kukeli* e Lais Bertolino.

Qual futuro urbano?: A Morfologia das áreas verticalizadas e o espaço público.

Lígia Mauá e Silvia Pina.

Modelos Habitacionais contemporâneos em contexto académico .

Ricardo Melo, Jorge Amaral e Alexandra Saraiva.

11.00/11.30

Coffee-break ^c



11.30/13.00

Sessão paralela 13^c | Linha 6

Formas urbanas e modos de vida na periferia urbana. O caso da Bobadela, em Lisboa: passado, presente e futuro.

Teresa Marat-Mendes, João Cunha Borges, Rui del Pino Fernandes*.

Entre a casa e a escola: A rua como eixo de ligação formal e social

Lyvia Moraes e Flavia Botechia.

As casas não são coisas que se desenhem sem políticas urbanas: Contribuições da forma urbana e arquitectónica para as políticas públicas de nova geração.

Sara Silva Lopes e Teresa Marat-Mendes.

Produção ou reprodução?: A habitação informal na cidade de Chapecó/SC.

Elisa Zanrosso, Ana L. V. Villela, Júlia E. Langhinotti.

Sessão paralela 14^c | Linha 4

A configuração de cidades médias brasileiras: Municípios de 100.001 a 500.000 habitantes.

Valério de Medeiros, Teresa Ferreira, Vânia Loureiro.

Atratividade urbana: Uma revisão de literatura.

Glaudemias Junior*, Daniel Cardoso, Paulo Simões e Cicera Farias.

Configuração socioespacial: Uma análise da forma urbana da comunidade-distrito de Santana de Patos/MG, Brasil.

Cira Caixeta, Alcindo Neckel e Dirceu Piccinato Junior.

Indicadores de controlo da forma urbana: Sua aplicação nos instrumentos de gestão territorial.

Rui Florentino.

Sessão paralela 15^b | Linha 6

Metodologia integrativa com a participação para a elaboração de planos de mobilidade urbana.

Andréa Pfützenreuter, Renata Cavion, Simone Lopes, Christiane Fernandes e Silvia Taglialha.

Território para a alimentação: A estratégia para a transição alimentar da Área Metropolitana de Lisboa.

Rosário Oliveira e Gabriel Garcia Távora.

Informar a cidade futura com base na forma urbana passada e presente: A relação entre a prática de planeamento e a morfologia urbana.

Ana Mélice-Dias* e Vítor Oliveira.

A forma segue a ganância e o medo: A história da forma do chão da cidade em São Paulo [1972-2022].

Heraldo Borges e Valter Caldana.

Sessão paralela 16^c | Linha 4

A constituição da forma urbana da cidade de São Fidélis.

Letícia de Souza Silva e Danielly Cozer Aliprandi.

Ativar e articular o meio: o caso do museu Oscar Niemeyer.

Thallita Souza e Silvia Pina.

Uma leitura entre os espaços do construído informal: Descrição sobre o método da morfologia urbana para a compressão da construção dos espaços públicos de Paraisópolis-SP.

Alessandro Tessari e Karla Cavallari.

Morfologia urbana da felicidade: O FIB em unidades de vizinhança.

Solange Dias, Maria Figueiredo e Mariana Diniz*.

13.00/14.30

Almoço^c

14.30/15.30

Keynote speaker 2 – Daniel Paiva^b

15.30/17.30

Sessão paralela 17^c | Linha 1

Biodiversidade e forma urbana: O papel dos espaços livres urbanos na conservação da diversidade de aves em cidades tropicais.

Homero Marconi Penteado* e Beatriz Mourão Barcelos.



O bem viver como diretriz para o planeamento das cidades e facilitador da justiça climática: O caso do enraizamento territorial das comunidades agroecológicas do bem viver em Brasília (Brasil).

Daniele Silva e Sílvia Mikami.

Morfologia indígena: Contribuições sobre a herança das “cidades jardins” pré-coloniais na Amazônia Central.

Giselle Pinho, Kamila Oliveira e Ana Cláudia Cardoso.

A desarticulação entre processo de urbanização e elementos naturais: O caso do Córrego Uberabinha, em São Paulo.

Luciana Monzillo de Oliveira, Adriana Monzillo de Oliveira.

Transformações e evoluções morfológicas das zonas verdes do centro de Lisboa no novo milénio.

Krisztina Ramneantu e Teresa Marat-Mendes.

Sessão paralela 18^c | Linha 3

O bairro operário da tabaqueira (1962-1974) para albarraque: O ideário de uma nova modernidade promovida pela CUF.

Vanessa Alves, Teresa Marat-Mendes, Inês Marques e Mafalda Sampayo*.

O espaço público na AML: Abordagens de incrementalidade, resiliência e coesão.

João Rafael Santos, Tomás Nunes, Ariana Marques da Silva, José Duarte e Ana Beja da Costa.

Fragmentação da cidade pequena: Dinâmica espaço-temporal na microrregião de Joaçaba, Santa Catarina, Brasil.

Daiane Regina Valentini e Andrea Queiroz Rego.

Estudo de Impacto de Vizinhaça, RJ/Brasil: Instrumento urbanístico de inclusão ou segregação espacial?

Andrea Queiroz Rego.

Forma Urbana e Mobilidade Ativa: Uma análise sobre o planeamento sustentável das cidades.

Sirlei Maria Oldoni, Mariana Diniz e Arthur Schuh.

Sessão paralela 19^b | Linha 4**

Como se especializa a escassez: A produção da arquitetura em Jaburu.

Maria Chaves e Flávia Botechia.

Requalificação da feira da Roça Macaé/rj: Arte urbana, arquitetura e efemeridade.

Aline Marinho e Fagner Oliveira.

Arte como experiência no conjunto Guadalajara: O graffiti e a transversalidade discursiva das paisagens.

Paolla Clayr de Arruda Silveira e Cristiane Rose Duarte.

Expansão urbana do Mindelo, Cabo Verde, entre 1820 e 2020.

Hernany Reis e Valério de Medeiros.

O estudo da história e da morfologia urbana: A gênese dos espaços livres públicos de exceção em São Roque do Canaã.

Igor Corona Pedrone e Flávia Ribeiro Botechia.

Sessão paralela 20^c | Linha 6

Estratégias de planeamento urbano para a adaptação aos efeitos do aumento do nível do mar: Uma sistematização de conteúdo.

Victor Moura Bussolotti, Izabela Uliana Pellegrini e Cristina Engel de Alvarez.

A cidade-jardim revisitada: O paisagismo enquanto ferramenta para a criação de habitats sustentáveis.

Rui del Pino Fernandes e Teresa Marat-Mendes.

Narrativas da paisagem como instrumento de gestão e salvaguarda no sec. XXI: O caso de Parnaíba.

Isis Sampaio.

O poder de reconfiguração das parcelas: Uma revisão de literatura sobre os seus principais atributos.

Lais Bertolino e Vítor Oliveira.

Equipamentos sociais e recreativos nos projetos SAAL.

Alexandra Saraiva*, Patrícia Bento d'Almeida e Teresa Marat-Mendes.



16.30/17.00

Sessão de encerramento ^c

Chair da Conferência PNUM 2023, Professora Doutora Teresa Marat-Mendes
Presidente do PNUM, Professor Doutor Vítor Oliveira

17.30/18.30

Colares de Honra ^c

19.00/20.30

Visita guiada à Quinta da Regaleira

Page | 15

^a Iscte - Sintra ^b Centro Olga Cadaval ^c Biblioteca Municipal Sintra

*moderador da sessão paralela

**moderador da sessão paralela do comité de organização do PNUM 2023 (Sara Silva Lopes e Inês Isidoro)